

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Vitória Camillo da Silva Maurício

**INCLUSÃO SOCIAL, CIDADANIA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
UMA ANÁLISE DO PROJETO DE EXTENSÃO CAMPUS TOUR**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof^o Msc. Luciana Bittencourt Villela.

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Vitória Camillo da Silva Maurício, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672029^a, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **INCLUSÃO SOCIAL, CIDADANIA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: Uma análise do Projeto de Extensão Campus Tour**, desenvolvido durante o período de Março de 2019 a Julho 2019 sob a orientação da Msc Luciana Bittencourt Vilella, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Vitória Camillo da Silva Maurício

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

INCLUSÃO SOCIAL, CIDADANIA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Uma análise do Projeto de Extensão Campus Tour

Vitória Camillo da Silva Maurício¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a eficiência do Projeto de Extensão *Campus Tour*, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), enquanto ferramenta de cidadania e inclusão social de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica que residem no bairro Dom Bosco, vizinho à Universidade. Esta análise se justifica pela necessidade de compreensão da extensão como ferramenta de diálogo e promoção social e econômica de seu entorno, buscando com isso, melhorar a qualidade de vida das populações circunvizinhas. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, por meio de revisão e análise de bibliografias e documentos. Em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os coordenadores, colaboradores e beneficiários do Projeto. Como resultados destas análises podemos afirmar que o Projeto *Campus Tour* tem cumprido integralmente seus objetivos, e com isso, tem servido como ferramenta para a inclusão cidadã de seus beneficiários.

PALAVRAS-CHAVE: CIDADANIA, INCLUSÃO SOCIAL, EXTENSÃO, CAMPUS TOUR, UFJF

INTRODUÇÃO

Existente há aproximadamente dois anos, o projeto de extensão *Campus Tour*, do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), vem atendendo crianças vinculadas ao Instituto Dom Orione, situado no bairro Dom Bosco, localizado nos arredores do Campus. Inspirado nos postulados de Paulo Freire (2002), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, o Projeto propõe a realização de oficinas temáticas e visitas guiadas a espaços da UFJF, buscando reafirmar a importância dialógica entre os atos de ensinar e aprender, reforçando a promoção da autonomia dos indivíduos no que tange a construção de suas trajetórias de vida.

A justificativa para elaboração desta pesquisa deve-se além da importância acadêmica em analisar a extensão universitária como expressão de cidadania e inclusão e como ferramenta de diálogo e promoção social e econômica de seu entorno, buscando com isso, melhorar a qualidade de vida das populações circunvizinhas, deve-se também ao fato de que, como bolsista do Projeto *Campus Tour*, há quase dois anos, tenho vivenciado e percebido mudanças significativas na relação dos beneficiários das ações com a universidade e com as múltiplas possibilidades que este espaço pode assumir em suas vidas futuras.

O presente artigo tem como objetivo analisar a eficiência do Projeto de Extensão *Campus Tour*, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), enquanto ferramenta de cidadania e inclusão social de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica que residem no bairro Dom Bosco, vizinho à Universidade. E para atendê-lo, sistematizamos objetivos específicos principais: (i) Construir um referencial teórico que subsidie a análise dos conceitos de cidadania, inclusão social e extensão universitária; (ii) Elaborar um diagnóstico das ações do projeto, identificando quais elementos podem ser considerados impulsionadores da inclusão social e da cidadania dos beneficiários; (iii) Conhecer quais ações educacionais e de lazer são disponibilizadas aos participantes pela Universidade Federal de Juiz de Fora; (iv) Identificar a percepção dos coordenadores do projeto e do Instituto Dom Orione sobre possíveis mudanças promovidas pelo Projeto nos

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF), camillo.vitoria@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora Professora Msc. Luciana Bittencourt Villela

sujeitos envolvidos; (v) Identificar a percepção participantes do Projeto, sobre a Universidade Federal de Juiz de Fora e sobre as ações do Campus *Tour*.

Como metodologia adotamos a pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, por meio de revisão e análise de bibliografias e documentos. Em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os coordenadores, colaboradores e beneficiários do Projeto.

1. CIDADANIA, INCLUSÃO SOCIAL E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O sociólogo inglês Thomas Humphrey Marshall (1996) dedicou parte de suas obras literárias à estruturação do conceito de cidadania. O autor considera que a cidadania é o conjunto de três direitos, surgidos cada qual em um momento histórico: o direito civil no século XVIII, os direitos políticos no século XIX e os direitos sociais no século XX, tais direitos foram conquistados por meio das revoluções sociais europeias que ocasionaram profundas mudanças entre os séculos XVIII e XX. Segundo os autores Lima, Menezes-Júnior e Brzezinski (2017, p.02) “Mudanças nas estruturas socioeconômicas incidiram, igualmente, na evolução do conceito e prática da cidadania, moldando-os de acordo com as necessidades de cada época”

De acordo com Mastrodi e Avelar (2017), somente a partir da Constituição Federal de 1988, os brasileiros tiveram a aprovação, por lei, dos direitos sociais, políticos e civis, garantindo a cidadania baseada no Estado Democrático de Direito. Segundo os mesmos autores, “o desenvolvimento de nossa cidadania iniciou-se muito mais pelo reconhecimento de que, sem direitos sociais, não haveria condições materiais para a construção dos direitos civis e políticos” E em seguida, concluem: “Assim, nossa precária cidadania está muito mais para uma forma de concessão do Poder Público do que uma conquista da sociedade civil” (MASTRODI E AVELAR 2017, p. 24).

Considerando a realidade brasileira atual, pode-se afirmar, com base nas palavras de Carvalho (2008) que a noção de cidadania não está totalmente solidificada e, ainda necessitará de tempo para que isso aconteça. Para o autor, a inconstância dos processos políticos e sociais brasileiros, que incluem os moldes de colonização, regimes ditatoriais, etc., dificultou a obtenção dos direitos civis, políticos e sociais o que inverte a ordem proposta por Marshall: “É como se os brasileiros tivessem a pirâmide dos direitos colocada de cabeça para baixo” (CARVALHO, 2008, p. 220).

Ao refletir sobre os direitos sociais no Brasil, Gomes (2010) sugere que “os direitos precisam ser reivindicados e cumpridos para que não permaneçam na abstração teórica e contribuam, de fato, para o desenvolvimento social e humano, baseando-se na participação pública, equidade de acesso e de direito entre os homens.”. O contrário disso, portanto, responde à não inclusão social e, conseqüentemente à ausência da perspectiva de cidadania.

Para Sassaki (1999 p. 41 - 42) a inclusão social pode ser definida como “um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações” e “processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir”. Neste sentido, a garantia de direitos civis, políticos e sociais torna-se fundamental para o processo de inclusão social.

Sassaki (1999, p 43) considera ainda que o termo “inclusão social” está ligado à ideia de integração social, mas nos alerta que é preciso distingui-los. Inclusão social pressupõe a construção da cidadania em seu sentido amplo, por meio da realização de profundas alterações sociais que consolidem os direitos universais a todos os sujeitos. Por outro lado, integração social, tem como função integrar sujeitos que já alcançaram a perspectiva cidadã, e já estão suficientemente empoderados para viverem em sociedade.

Inversa à inclusão social, tem-se a exclusão. Véras (2001) afirma que a exclusão é uma ruptura cuja consequência é a ausência de força de reação aos acontecimentos sociais, retirando, dessa forma, o indivíduo da participação da dinâmica social de forma ativa. Com participação social reduzida, o exercício de cidadania se limita de forma significativa. Frequentemente, o poder aquisitivo e inadequação dos excluídos com relação aos paradigmas sociais, são causas da exclusão social. Para Dupas (1999, p. 19) “...esses fenômenos [inclusão e exclusão social] estão (...) relacionados à globalização e à revolução tecnológica, essencialmente poupadora de mão-de-obra”. Em outras palavras, para o mesmo autor, a exclusão social se expande de acordo com o avanço do sistema capitalista que acaba por substituir a mão de obra do trabalhador por novas tecnologias, tirando do indivíduo sua fonte de subsistência (salário) e o excluindo das dinâmicas sociais que necessitam poder aquisitivo.

O Brasil é reconhecido por Henriques (2003), como um dos campeões mundiais de desigualdade social e segundo o mesmo autor, isso é resultado de injustiças e conflitos sociais que preenchem nossa história. Para

Rocha (2000), a extrema desigualdade na distribuição de renda no Brasil está associada à pobreza absoluta no país, que se faz presente na vida de inúmeros brasileiros.

Uma via que permite o início do processo de extinção das desigualdades sociais, é a adoção de ações que objetivam a Justiça Social. Guimarães (2013) define justiça social da seguinte forma: “É o princípio da Justiça distributiva, pela qual a comunidade deve distribuir, de maneira equitativa, entre os seus membros, bens, recompensas, cargos e funções, previstas a fixação de impostos e a assistência social, com aplicação de recursos em obras de atendimento aos carentes” (GUIMARÃES 2013, p. 448).

No livro “Uma teoria da Justiça”, o inglês Rawls (2000) identifica a justiça social como a justa distribuição entre recursos e oportunidades. Por outro lado, a filósofa feminista Fraser (2003) defende que, para a existência da justiça social, é preciso que sejam findadas as duas dimensões da injustiça social: a econômica, que acaba por marginalizar e privar o indivíduo no campo das relações econômicas, e a dimensão cultural que trata do não reconhecimento e desrespeito entre culturas.

Gamarnikow (2013) reconhece o rico histórico de grupos que lutam por justiça social no Brasil e cita como exemplo o Fórum Social Mundial, de Porto Alegre, cujo lema, “Um outro mundo é possível” segue inspirando movimentos ativistas anti-neoliberais; o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, (MST), lutando pela redistribuição da posse de terras e por educação democrática e a Teologia da Libertação, que expõe o radical e progressista ponto de vista a respeito do papel da religião em sociedades desiguais e não democráticas. Mediante isso, é preciso ressaltar que, para Gamarnikow (2013), as ações que promovem a justiça social se modificam de acordo com contexto histórico-social onde os indivíduos habitam.

Como uma maneira de redimir a Universidade de seu possível distanciamento de grupos sociais que porventura não tenham acesso à unidade de ensino superior (CASTRO, 2004), é função das universidades incentivar práticas que se baseiam na justiça social que propiciem o aperfeiçoamento individual e coletivo. Na década de 1930, foi lançado no Brasil o Estatuto das Universidades Brasileiras (BRASIL, 1931), no Artigo de número 109 consta: “A extensão universitária destina-se à difusão de conhecimentos, filosóficos, artísticos, literários e científicos, em benefício do aperfeiçoamento individual e coletivo”.

Como funções básicas da universidade tem-se a tríade ensino, pesquisa e extensão. Contudo, há autores que, assim como Castro (2004), acreditam que as universidades, de maneira geral, estão enfrentando uma crise generalizada que tem inviabilizado o cumprimento, com excelência, de suas funções acadêmicas e socioeconômicas. Isso resulta, “em muitos casos, na perda da capacidade para definir corretamente os problemas aos quais a formação e as pesquisas devem servir” (BUARQUE, 1994 *apud* CASTRO, 2004).

A extensão é vista, por Nunes e Silva (2011), como “uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade”, representando a interface entre o saber produzido no interior das universidades e a cultura local (SERRANO, 2008). Contudo, a verticalidade na transmissão do saber não deve fazer parte das atividades da extensão, pois esta deve reconhecer a importância dos saberes tradicionais. Na medida em que “aqueles que pouco sabem em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem” (FREIRE, 1996, p. 25) trocam experiências e constroem juntos um saber que lhes permite igualmente saber mais.

Dessa forma, faz-se necessário o desempenho de trabalhos de extensão que pensem e ajam em coerência com o propósito da extensão. Santos (2001) afirma que a ciência moderna se posiciona na contra-mão do senso comum, não reconhecendo a validade do mesmo. Portanto, é preciso repensar a ciência desenvolvida na universidade de modo que ela passe a reconhecer verdadeiramente os valores intrínsecos do senso comum que podem enriquecer a experiência de vida do ser humano (SANTOS, 2001).

2. UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA E O CAMPUS TOUR

A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) é uma instituição de ensino superior pública e federal, fundada em 1960 na cidade de Juiz de Fora. Atualmente, segundo o site da instituição, sua comunidade acadêmica conta com cerca de 20 mil alunos matriculados e 3119 servidores, entre técnicos administrativos e docentes. As formas de ingresso adotadas pela instituição são o Exame nacional do Ensino Médio (Enem) e o Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM), ofertado pela própria UFJF. Seu Campus sede é localizado no bairro Martelos, na zona Oeste da cidade, e tem como vizinhos os bairros Dom Bosco e São Pedro. A Instituição desempenha o importante papel de ser um polo cultural e científico não somente para a cidade de Juiz de Fora, mas para toda a região da Zona da Mata Mineira. As atividades de ensino, pesquisa e extensão compõem o quadro de atuação básica da Universidade.

A Pró-reitoria de Extensão (Proex) da Universidade, é responsável por apoiar, coordenar e articular projetos e ações de extensão que possam permitir maior diálogo entre a UFJF e a cidade de Juiz de Fora. Dentre numerosos programas, há o Boa Vizinhança, que atende bairros circunvizinhos ao Campus.

O bairro Dom Bosco, situado na área Centro-oeste da cidade, tem cerca de 4.735 habitantes, com predomínio de habitantes negros (IBGE, 2010 *apud* BARRETO, 2017). Durante a formação do bairro, em 1927, o espaço do morro servia, de acordo com Barreto (2017), como uma espécie de quilombo urbano na cidade e comportava parte significativa da população negra, excluída da dinâmica da vida urbana de Juiz de Fora, devido ao fato da população ex escrava não mais se encaixar nos paradigmas vigentes à época. Ainda segundo a autora, atualmente, os moradores do bairro vêm sofrendo com o processo de gentrificação²² ocorrido devido, principalmente, à expansão do Hospital Monte Sinai e do Shopping Independência, ambos localizados nas adjacências do bairro, que modifica substancialmente a paisagem estética do bairro.

Situado no Dom Bosco e alicerçado na “caridade como forma de salvar o mundo”, o Instituto Profissional Dom Orione (IPDO) realiza atividades filantrópicas há 62 anos, com a finalidade de servir aos moradores do bairro, sem fins lucrativos. O IPDO atende cerca de 60 crianças em contraturno escolar. Os meninos representam a maioria, enquanto as meninas, aproximadamente de quinze, são minoria; suas idades variam entre 7 e 14 anos e muitos vivem em situação de vulnerabilidade social (seja por conta da violência, auto violência – no que tange a dependência química dos pais/vizinhos, ou pelo índice de analfabetismo funcional) e econômica, já que frequentemente dependem do programa Bolsa Família para sua subsistência.

Através de um convênio com a Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, o Instituto atua na área de Proteção Social Básica a Crianças e Adolescentes, proporcionando auxílio nutricional (com café da manhã, almoço e lanche da tarde) e ofertando, por meio de projetos desenvolvidos nas dependências, atividades ludopedagógicas, recreação, futebol e musicalização. Dentre os diversos projetos, desde o segundo semestre de 2017, está o projeto *Campus Tour* (*Tour* pelo campus): a inclusão social pelo lazer para jovens do Bairro Dom Bosco via visitação a equipamentos de Lazer da Universidade Federal de Juiz de Fora, vinculado ao Programa Boa Vizinhança,.

Atualmente coordenado pela professora substituta do Departamento de Turismo da UFJF, Vanessa Tonelli, o projeto atua por meio de oficinas e visitas a espaços de lazer e produção de conhecimento no Campus sede da UFJF. O projeto idealizado pelo Professor Adjunto do departamento de Turismo - UFJF e doutorando em Estudos do Lazer, Edwaldo dos Anjos, já foi coordenado pela professora substituta do departamento de Turismo - UFJF, Monalisa Alves.

As visitas e atividades promovidas pelo projeto são uma maneira de fazer com que os meninos e meninas entrem em contato o conhecimento produzido na universidade e com parte da comunidade acadêmica e estreitem, assim, seus laços com os espaços e pessoas que frequentam a Instituição Federal. Para os alunos do curso de turismo, o projeto pode se mostrar uma ferramenta de extensão e verificação da teoria estudada em sala de aula. Outrossim, o projeto vai na contramão da difícil realidade de condicionantes simbólicos e materiais, sobretudo econômicos, que perpassam as áreas de lazer e turismo (ALVES, 2017). Para isso, ao estimular experiências de lazer com viés social, provoca novas reflexões e inusitadas experiências, além de contribuir para o fortalecimento de vínculos por meio do auto(re)conhecimento e reconhecimento da cidade e do patrimônio (GOMES, 2008 *apud* ALVES, 2017).

O trabalho desenvolvido pelo *Campus Tour* se pauta na citação: “Por uma sociedade mais justa e inclusiva e pelo direito de acesso ao patrimônio cultural coletivamente construído” (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010, p.13). O Projeto reconhece que a relação que os jovens/crianças do Dom Bosco tendem a estabelecer com os equipamentos de lazer contidos na UFJF perpassa por uma “espécie de experiência turística, na medida em que são localidades distantes da rotina dessas pessoas, gozando, portanto, para eles, de um caráter extraordinário, exótico, distinto porque não familiar”. (ALVES, 2017, p. 4). Dessa forma, o Projeto se propõe a cumprir o papel de inclusão social por meio de experiências de lazer e turismo.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A realização da pesquisa de campo se deu em duas etapas, dentro do período aproximado de um mês. Durante a primeira etapa se deu a aplicação de entrevista semiestruturada a três agentes profissionais do

² Processo de requalificação das paisagens urbanas de espaços populares ou antigos da cidade que passam a atrair moradores de rendas elevadas e afluxo de capital. (ALCANTARA, 2018).

Instituto Dom Orione: José Rafael Monteiro, educador social do Instituto há três anos; Maria do Carmo de Almeida, assistente social coordenadora do Serviço de Convivência e Fortalecimento de vínculos há um ano e Priscilla Fonseca, assistente social que ocupa o cargo de técnica de referência no Instituto, há um ano; E a dois professores ex-coordenadores do Projeto Campus Tour: Edwaldo dos Anjos, doutorando em Estudos do Lazer, e Monalisa Barbosa Alves, doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Em um segundo momento, a entrevista semiestruturada foi realizada com oito meninos moradores do bairro Dom Bosco que têm idade entre doze e quatorze anos e têm cor de pele não-branca ou negra, como a maioria absoluta de moradores do bairro. Todos estão matriculados na escola regular, no primeiro segmento do ensino fundamental entre o 5º e o 6º ano. Os educandos frequentam o IPDO há mais de quatro anos, outrossim, são beneficiários do Projeto Campus *Tour* desde o início, no ano de 2017. Além disso, todos os entrevistados costumam aproveitar seu tempo de lazer brincando na rua (jogando bola, soltando pipa, etc). De forma unânime, as crianças consideram o Campus da UFJF como um possível espaço de lazer, por vezes ligado à prática esportiva de futebol.

Mediante o perfil dos entrevistados, traça-se agora uma linha de análise que demonstra a importância do Projeto Campus *Tour* enquanto ferramenta para a inclusão social e obtenção de cidadania. Com exceção das crianças, os entrevistados concordam que, em alguma medida, o projeto contribui, ainda que a longo prazo, para o desenvolvimento pessoal dos beneficiários e para a melhoria na relação entre eles e o espaço da Universidade. De forma que os processos de “territorialização” e “apropriação” do espaço são comuns aos meninos e meninas à medida em que estabelecem vínculo e relações na Universidade, como salientado por Monalisa Alves.

Sobre o aspecto da importância do projeto Campus Tour, Edwaldo dos Anjos levanta pontos que se relacionam com a significância do projeto para os alunos do curso de turismo, que podem experienciar o trabalho do mediador profissional de turismo, e completa afirmando que por meio do Campus Tour, o Departamento de Turismo da UFJF contribui para o turismo na cidade de Juiz de Fora. Monalisa Alves ressalta que a importância do Projeto perpassa a função de Extensão universitária, que funciona como um papel ético exercido pela Universidade de forma a estabelecer pontes entre o conhecimento produzido da UFJF e os saberes da comunidade externa, promovendo assim, o diálogo entre os sujeitos.

Quando perguntados sobre as mudanças provocadas no comportamento e fala dos beneficiários em contato com o projeto, os entrevistados, de maneira geral, observaram mudança significativa. Repetitivamente a palavra “respeito” foi utilizada pelos entrevistados, respeito desenvolvido entre as próprias crianças, entre as crianças e os responsáveis pelo projeto ou entre as crianças e o espaço que visitam. José Rafael Monteiro atribui ao projeto alguma responsabilidade pela a criação de autonomia nos indivíduos e portanto, de mudanças positivas na vida dos beneficiários: *“Então esses meninos podem não ser mais surpreendidos numa série de coisas. Porquê? Porque o Campus Tour os levou a conhecer aquilo que eles iam ter mais um pouquinho de dificuldade ou ia demorar mais a conhecer, né?”*.

Percebe-se que a fala do educador José Rafael Monteiro tem relação com o que o também educador Paulo Freire (1996) entende como o sentido sócio-político-pedagógico da autonomia e cidadania, fundamentais para verdadeira inclusão social, que acaba por diferenciar um homem consciente e ativo de um homem passivo. Assim, entende-se que a proposta de inclusão social via visitação de equipamentos de lazer na UFJF feita pelo Campus Tour se concretiza.

No que tange a relevância das práticas de visita associadas às dinâmicas e oficinas no Dom Orione, com exceção de Priscilla Fonseca, os entrevistados não souberam dizer qual atividade era mais importante. Todos acreditam que uma completa a outra. Priscilla Fonseca afirma que as visitas são mais relevantes que as dinâmicas no espaço interno do Instituto, pois representam uma forma de lazer para os meninos/as, que antes podiam se divertir no Campinho (retirado da Curva do Lacet) e no lago da UFJF, que foi cercado. A assistente social atribui ao processo de gentrificação em torno do bairro a construção de barreiras simbólicas que impedem o acesso e o entretenimento dos meninos nos espaços públicos próximos ao Dom Bosco.

Por outro lado, os professores coordenadores do Campus *Tour* e a equipe profissional do Dom Orione, entendem que as visitas e dinâmicas se complementam, de modo que seria impossível indicar maior ou menor relevância de alguma das duas. Ademais, Monalisa Alves e Edwaldo dos Anjos enfatizam que, se não fossem as experiências com os beneficiários no Dom Orione (“um espaço deles”) haveria certa dificuldade na construção de vínculos interpessoais e para com os lugares visitados, o que viabiliza a construção de respeito e permite o bom andamento das visitas, além de maior adesão por parte dos meninos e meninas. Para além disso, as visitas permitem o reconhecimento de lugares e, conseqüentemente a preservação dos mesmos, ilustrando assim, Aloísio de Magalhães que diz que “só se preserva aquilo que se ama, só se ama aquilo que se

conhece” (apud ALVES, 2017). A longo prazo, segundo Monalisa Alves, os resultados dessas relações tendem a continuar a aparecer e, para que se pudesse fazer essa observação, seria necessário um acompanhamento mais amplo e próximo das crianças e jovens.

Além das eventuais aulas de futebol na Faculdade de Educação Física e Desportos e os momentos de lazer ao nadar no lago, o relacionamento entre os vizinhos UFJF e habitantes do Dom Bosco nem sempre foi amistoso. Frente à realidade que tecia a relação entre moradores do Dom Bosco e a Universidade, as mudanças promovidas pelo Projeto começam a aparecer, segundo José Rafael Monteiro “*Era comum ouvir pessoas comentando sobre pequenos roubos ou furtos na área próxima ao Corpo de Bombeiros, perto do escadão de acesso ao bairro*”. Rafael acredita que por meio da educação de forma lúdica, como feita pelo Campus Tour e por alguns outros projetos do programa Boa Vizinhança, auxilia-se a extinção das práticas de roubos e furtos, uma vez que “*os projetos promovem mudança de pensamento. E como eles [crianças] passam a ter novas perspectivas, eles podem começar a enxergar as coisas de outra maneira*”. As assistentes sociais, Maria Carmem de Almeida e Priscila Fonseca, enfatizam que o Campus Tour foi de grande importância para a aproximação entre os/as meninos/as e o Campus da UFJF, de forma a diminuir o impacto negativo da relação entre habitantes do bairro Dom Bosco e o Campus.

Sobre os resultados esperados pelos coordenadores, há a diferenciação de dois deles: o primeiro resultado se liga à experiência dos alunos de turismo na atuação como mediadores lidam com a comunidade e o destino (aqui representados respectivamente pelo Dom Bosco e o Campus universitário); em segundo lugar, os resultados para os beneficiários, que podem perceber uma realidade diferente na universidade do que eu posso imaginar: de que as pessoas de lá podem ser próximas e de que amizades podem ser feitas num espaço que também lhes pertence. De maneira pouco mais abrangente, o objetivo maior, e, portanto, sobre o qual maior expectativa é depositada, é o de inclusão social de forma verdadeira e consciente. Outrossim, a eliminação do “estigma” sobre os jovens moradores do Dom Bosco se revela um desejo. Cumprindo o papel de Extensão universitária, os professores entendem que é além de mais um objetivo, um dever trabalhar a democratização dos espaços e ideias de pertencimento via formas alternativas de educação.

Durante a entrevista com as crianças beneficiárias do projeto, apesar da euforia notória, comum para a idade (entre 12 a 14 anos), fez-se presente certa timidez nas respostas. De modo unânime, os entrevistados falaram sobre o interesse em participar do Projeto Campus Tour motivado pela curiosidade do que conheceriam. Quando perguntado sobre o que lhe motivou participar do projeto, Caíque Silva respondeu: “*Pra nós descobrir como são feitas as coisas, a robótica, os planetas, novas descobertas*”. Seguindo os pensamentos freirianos, provocar os jovens por meio da curiosidade com o desconhecido, é significativamente positivo para o Campus Tour enquanto projeto que tem objetivos com fins político-pedagógicos. Para Freire (1996, p. 43)

“O exercício da curiosidade convoca a imaginação a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do objeto ou achado de sua razão de ser. Um ruído, por exemplo, pode provocar minha curiosidade. Observo o espaço onde parece que se está verificando. Aguço o ouvido. Procuo comparar com outro ruído cuja razão de ser já conheço. Investigo o espaço. Admito hipóteses várias em torno da possível origem do ruído. Elimino algumas até que chego a sua explicação. (FREIRE, 1996, p. 43)

A frequência do Campus pelos meninos não acompanhados pelo Campus Tour é baixa, a julgar pelas respostas dos entrevistados. Os meninos costumam visitar a UFJF sozinhos para brincar ou, algumas vezes com suas famílias para aproveitar dos espaços comuns de lazer, tais como o Bosque. Para muitos, o campus serve como via de acesso, já que precisam passar por lá diariamente para chegar à escola onde estudam no bairro São Pedro.

A respeito das descobertas, com exceção de Lucas Pereira, todos descobriram algo novo em uma ou mais visitas. As visitas mais citadas foram aos projetos das Faculdades de Engenharia, onde os meninos puderam brincar e interagir com pequenos Robôs, aviões, carros e foguetes desenvolvidos pelos universitários que participam regularmente de competições em suas categorias. Para Diego Souza, de doze anos, o que mais lhe chamou atenção foi a visita ao Museu da Farmácia, localizado no prédio do curso de Farmácia, devido ao fato de haver coisas “diferentes” no espaço. A galeria Guaçuí, no Instituto de Artes e Design, também apareceu na fala dos entrevistados como um local no Campus que antes da visita com o Projeto Campus Tour, era desconhecido pelos meninos.

Por fim, quando perguntados sobre o que a UFJF lhes representa, a metade dos meninos disseram que ela representa lugar de diversão, considerando os espaços que têm para brincar e jogar futebol: “A UF é felicidade. O que você faz lá que você fica feliz? Eu brinco, jogo bola”. Outros dois entrevistados disseram que a UFJF representa o futuro, por ser lugar de estudos e desenvolvimento de tecnologias – Pietro Souza e Igor Silva disseram ter vontade de fazer faculdade de arquitetura e de “tecnologia”. Dois entrevistados não responderam a essa pergunta. A julgar pela manifestação dos meninos para com a utilização do espaço da Universidade, o objetivo de “apropriação do espaço” do projeto *Campus Tour*, reforçado por Monalisa Alves e Edwaldo dos Anjos, está, aos poucos, sendo atingido. Vale salientar que brincar e jogar bola parecem ser atividades de lazer de grande importância na vida dos beneficiários, uma vez que se repete em quase todas as entrevistas, ao menos uma vez, em mais de uma resposta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Durante a realização a pesquisa, se buscou analisar a eficiência do Projeto *Campus Tour* como ferramenta de cidadania e inclusão social de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. Tendo em vista as respostas à entrevista, percebe-se que as crianças entrevistadas não souberam elencar com argumentos suficientes as mudanças provocadas pelo Projeto, apesar de afirmarem que conheceram “coisas novas” e diferente com as visitas. Por outro lado, os professores e coordenadores, além de responderem elucidando as ações do *Campus Tour*, suscitaram exemplos que demonstram que o *Campus Tour* de fato propicia a inclusão social e auxilia na formação de pensamento crítico dos beneficiários, gerando assim, significativa mudança em suas vidas. Ilustrando isso, Rafael comenta que, em uma atividade de outro projeto, os meninos e meninas que fizeram visita com o *Campus Tour* ao Centro de Ciências, tiveram maior facilidade em elaborar respostas com o conteúdo que estava sendo pedido, segundo ele, normalmente as crianças teriam muita dificuldade ou não saberiam responder.

De maneira geral, mesmo que alguns aspectos sejam visíveis, pode-se considerar que resultados específicos com relação à eficiência do Projeto ainda são difíceis de se apontar ou mensurar. Entretanto, o conteúdo do presente artigo se mostra como oportunidade para mais estudos e pesquisas que se dediquem ao estudo dos impactos causados pelo Projeto *Campus Tour* na UFJF e adjacências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

. ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. "Gentrificação". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>>. Acesso em 15 jun. 2019

. ALVES, Monalisa Barbosa. *Campus Tour (Tour pelo campus): a inclusão social pelo lazer para jovens do Bairro Dom Bosco via visitação a equipamentos de Lazer da Universidade Federal de Juiz de Fora*. UFJF. Juiz de Fora, set. 2017.

. AMARO, Rogério Roque. **A exclusão hoje**. Cadernos do Instituto São Tomás de Aquino – ISTA. Lisboa, v. 5, n.9, 2000. Disponível em: http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_09/amaro.html . Acesso em 27 mar. 2019

. ARISTÓTELES. **Política**. 3 ed. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília - UNB, 1997

. ASSMANN, Hugo. **Curiosidade e Prazer de Aprender** – O papel da curiosidade na aprendizagem criativa. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

. BARRETO, Ana Claudia de Jesus. **O negro na cidade: Um estudo do Bairro dom Bosco na cidade de Juiz de Fora (MG)**. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 9, n. 22, p. 465-489, jun. 2017.

. BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. **Estatuto das Universidades Brasileiras**. Rio de Janeiro, Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

. CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2008.

. CASTRO, L.M.C. **A Universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores: (Ainda existem utopias realistas)**. Rio de Janeiro, 2004, 185 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

. DUPAS, G. **Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

. FRASER, Nancy. "Social Justice in the Age of Identity Politics: Redistribution, Recognition and Participation". In: Fraser, Nancy e Honneth, Axel. **Redistribution or Recognition? A political-Philosophical Exchange**. Nova Iorque, Londres: verso, 2003

. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

. FURTADO, M. G.. **A formação do cidadão conforme a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 2010. 147 f. Tese (Doutorado) - Curso de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/.../2/2140/...13122010.../MARCELO_FURTADO_Dissertacao.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2019.

. GARMANIKOW, Eva. Educação, (in)justiça social e direitos humanos: combatendo desigualdades na globalização turbocapitalista. **Revista Brasileira de Educação**, [s.i.], v. 18, n. 52, p. 189-243, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n52/11.pdf>>. Acesso em 14 abr. 2019

. GOMES, Christianne L. Lazer: Necessidade Humana e Dimensão da Cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, Mg, v. 1, n. 1, p.3-20, maio 2014. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>>. Acesso em: 28 mai. 2019.

. _____. **Lazer, Trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GUIMARÃES, Deocleciano Torrieri. **Dicionário Técnico Jurídico**. 16ª ed. São Paulo: Rideel, 2013

. HENRIQUES, Ricardo. Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza no Brasil. In: Noletto, Marlova Jovchelovitch; Werthein, Jorge. (org). **Pobreza e desigualdade no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social**. Brasília: UNESCO, 2003

. LIMA, Maria Eliene; MENEZES JUNIOR, Antônio da Silva; BRZEZINSKI, Iria. **Cidadania: sentidos e significados**. In: 13 Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Anais [...], 2017. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24065_12317.pdf Acesso em: 29 out. 2018.

. RAWLS, John. **A theory of justice**. Cambridge: Harvard University Press, 2000 (revised edition).

. MARSHALL, T. H. **Citizenship and Social Class**. In: MARSHALL, T. H. e BOTTOMORE, Tom. **Citizenship and Social Class**. Chicago: Pluto Classic (reimpr.), 1996, p. 3-51. Disponível em: <http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_09/amaro.html>. Acesso em 16 abr. 2019.

. MASTRODI, Josué; AVELAR, Ana Emília Cunha. O conceito de cidadania a partir da obra de T.H Marshall: conquista e concessão. **Cadernos de Direito**, Piracicaba, v. 17, n. 33, p.3-27, 2017. Semestral. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/cd/article/view/3451/2072>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

. NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. Extensão Universitária no Brasil: uma Revisão Conceitual. In. NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.) **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Brasília: Editora UNB. 2001.

. NUNES, Ana Lucia de Paula Ferreira; SILVA, Maria Batista da Cruz. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, v. 4, n. 7, p.119-133, ago. 2011. Semestral. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/malestar/article/view/60/89>>. Acesso em: 22 abr. 2019

. ROCHA, R. M. Gurgel. A Construção do Conceito de Extensão universitária na América Latina. In. FARIA, Doris Santos de (org.) **Construção Conceitual da Extensão na América Latina**. Brasília. Editora UNB. 2001.

. SASSAKI, Romeu Kasumi. **Inclusão: Construindo Uma Sociedade Para Todos**. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1999, 174p.

. SANTOS, B. S. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.

. SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**. 2008. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2019.

. TEIXEIRA, Cristina. **Educação e inclusão social? Os limites do debate sobre o papel da escola na sociedade contemporânea**. Anais do XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005.

. VERAS, Maura P. B. Exclusão social: um problema de 500 anos. Notas preliminares. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, p. 27-50, 2001. Disponível em: <<http://blogpsicologiablog.files.wordpress.com/2011/09/asartimanhasdaexclusc3a3osawaiorg.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2019.